



APONTAMENTOS DE UMA CONTRA-EDUCAÇÃO EM O RETRATO DE DORIAN GRAY E EM DE PROFUNDIS

Antonio Busnardo Filho (UNIVAG – MT)

Abstract: What is proposed in this text is the importance of archetypes in the educational process, considering three main aspects: the imaginary, the "factual education" and the life story, even if the imaginary and the life story are implied in the narrative. Therefore, Phatic Education will be prioritized as a process of individuation and initiation, seeking the completeness of the being. Learning, influenced by affective and unconscious factors, which overlap with rationality, is described as a path of discovery similar to the process of individuation in search of the center. The affective and unconscious factors, considered as factual, will be related to temporality, becoming a life process, so with life stories in which myths and personal symbols play an important role in learning. Imaginary heuristics are taken as tools for interpret the subject's intentionality in life narratives, revealing numinous images as factual factors of mythopoetic sensibility, adding elements such as chance and destiny to education. The text proposes an analysis of these processes in the context of Oscar Wilde's novels "The Picture of Dorian Gray" and "De Profundis", highlighting the importance of personal myth and repetitive images in the author's narrative, revealing the aesthetic dimension of Education in Oscar Wilde's dandyism. The text also relates the processes of initiation and individuation with education, raising the notion of "Phatic Education" as a counter-education of the soul.

Keywords: Phatic education; Counter-education; Soul.

Resumo: O que se propõe neste texto é a importância dos arquétipos no processo educacional, considerando três aspectos principais: o imaginário, a "educação fática" e a história de vida, mesmo que o imaginário e a história de vida fiquem subentendidos na narrativa. Será priorizada, então, a Educação Fática como um processo de individuação e iniciação, buscando a completude do ser. A aprendizagem, influenciada por fatores afetivos e inconscientes, que se sobrepõem à racionalidade, é descrita como um caminho de descoberta semelhante ao processo de individuação em busca do centro. Os fatores afetivos e inconscientes, considerados como fáticos, estarão relacionados à temporalidade, tornando-se um processo de vida, assim com as histórias de vida nas quais mitos e símbolos pessoais desempenham um papel importante na aprendizagem. As heurísticas do imaginário são tomadas como ferramentas para interpretação da intencionalidade do sujeito nas narrativas de vida, revelando imagens numinosas como fatores fáticos de sensibilidade

mitopoética, acrescentando elementos como o acaso e o destino à educação. O texto propõe uma análise desses processos no contexto dos romances *O Retrato de Dorian Gray* e *De Profundis* de Oscar Wilde, destacando a importância do mito pessoal e das imagens repetitivas na narrativa do autor, revelando a dimensão estética da Educação, no dandismo de Oscar Wilde. O texto relaciona, também, os processos de iniciação e individuação com a educação, levantando a noção de "Educação Fática" como uma contra-educação da alma.

Palavras-chave: Educação fática; Contra-educação; Alma.

1. Introdução

Este trabalho, considerando três aspectos principais – o imaginário, a “educação fática” e a estória de vida –, pretende demonstrar a importância dos arquétipos no processo educacional, considerando a educação tanto sob o ponto de vista de uma formulação simbólica que se encaminha para o processo de individuação, quanto sob o ponto de vista de um processo iniciático, que busca a completude do ser. Pelo processo de individuação que, neste caso, sobrepõe o processo iniciático, a educação será o desvendamento da conjunção de elementos divergentes que podem atuar como sombra; mas sempre haverá a busca do *Selbst* – do centro –, num movimento de *circumambulatio*, que permite o reconhecimento dos arquétipos por meio dos símbolos surgidos, ampliando a visão de mundo e de vida, como aspectos do apre(e)ndido. O processo de aprendizagem tem fatores afetivos, inconscientes, considerando-se a educação como individuação; assim, quando se ensina ou aprende, lida-se, também, com a dimensão latente do processo, que se sobreporá à racionalidade, ao se pensar no que disse Jung: “a consciência origina-se de uma psique inconsciente, mais antiga que a primeira, que continua a funcionar juntamente com a consciência ou apesar dela” (2000, p. 274). Os aspectos divergentes da educação poderão ser, além da sombra, as diversas manifestações da identidade tomadas como “função transcendente” (Jung), na orientação do desenvolvimento do indivíduo. No que se refere ao processo iniciático, a educação será pensada como procedimento de descoberta e desvelamento do ser, a partir das considerações dos aspectos latentes e dos símbolos da afetividade, que são os caminhos da busca, os elementos de transcendência e o meio pelo qual a Alma – como pensa Plotino, Ficino e Vico – pode ser descoberta. A educação é o momento de encontro com o *Daimon*, devendo sua característica iniciática ao fato de o indivíduo percorrer, no seu desenvolvimento, um caminho de descoberta semelhante ao percorrido no processo de individuação – *circumambulatio* –, que marca nitidamente a imagem de uma espiral, como diz Carvalho (1976), cuja origem está no “nó” – o polo negativo ou lunar –, e se encaminha para a espiral do labirinto – o polo positivo ou solar –, na busca do centro ou da caverna-luz. Sendo o labirinto o caminho para o centro, como processo de aprendizagem ele veda ou permite o acesso à caverna; assim, “muitos serão chamados e poucos os escolhidos...”. Muitos terão a educação como um processo de aprendizagem racional, e poucos compreenderão sua força de transcendência, seu fator fático, que possibilita o reconhecimento e a produção simbólica; a isto, equivale dizer que o processo educativo relaciona-se com os aspectos da afetividade e, por conseguinte, com a temporalidade, já que é um processo recursivo, sempre em busca do conhecimento, que se transforma em processo de vida, porque “a espiral de vida é o trajeto entre duas eternidades, entre o pólo origem e o pólo meta, é o caminho da temporalidade” (CARVALHO, 1976, p. 105).

A educação como processo de individuação, como processo iniciático e como meio de produção simbólica – função transcendente –, é, também, lugar de estórias de vida, nas quais, com força muito maior, os mitos e os símbolos pessoais surgirão como elementos agregadores de aprendizagem. Pensando este processo que transforma o educando ou aquele que busca o

ECO-REBEL

conhecimento em um peregrino, os aspectos de ordem pessoal, isto é, os conhecimentos adquiridos num processo de vida e extramuros escolares, devem ser levados em consideração como ampliação do campo da educação, considerando que cada indivíduo tem o seu “tempo de aprendizagem” e seu ritmo próprio regidos por fatores internos enraizados no inconsciente. Aqui se pode pensar nos tipos psicológicos de Jung que, juntamente com as estruturas do imaginário, regem e organizam os aspectos do real e a vida do indivíduo; para isto, recorrer-se-á às estórias de vida como fonte de pesquisa, através de abordagens metodológica de mitocríticas. Para tanto, a hermenêutica – a arte da interpretação – servirá para mostrar a intencionalidade do sujeito, que se apresenta no relato, e que, enquanto matéria simbólica, é vivência, que traz na linguagem um presságio que só poderá ser percebido por uma “pedagogia do olhar e da escuta” (RICOEUR apud CARVALHO, 1998). Pensando a educação como iniciação e como individuação, tem-se, nas estórias de vida, relatos míticos pelos quais se manifestam as imagens numinosas como fatores fáticos de uma sensibilidade mitopoética, que permite aos mitemas, enquanto imagens repetitivas ou obsessivas, mostrar o mito primordial e os legados culturais do mito pessoal. Com isto, pode-se acrescentar à educação, que neste modo de ver será sempre fática, o acaso e o destino – *Aletheia* e *Moirá*. Assim, estória de vida, iniciação e individuação, como práticas instaurativas, estabelecem uma relação com o imaginário – representações coletivas, sem finalidades práticas ou utilitárias (DURAND, 1989).

Estes processos serão analisados no romance *O retrato de Dorian Gray* e em *Escritos do Cárcere*, de Oscar Wilde, nos quais o autor relata sua profunda experiência e aprendizagem de vida perpassada pelo prazer e por uma “estética hedonista”, que encontrava na aparência sua fundamentação, e pelo sofrimento e dor, quando cumprindo pena de prisão por uma acusação de fundo moral. Percebeu-se só, consigo mesmo e com sua sombra, em um lugar sórdido muito diferente daqueles que estava habituado a frequentar e, em tais circunstâncias, refletiu sobre uma outra dimensão da estética, como forma de redenção. Enfrentando a si mesmo, recorreu à escrita de uma longa carta, para aquele que fora o motivo da sua condenação, Lorde Alfred Douglas. Esta carta representa, em uma leitura de fundo junguiano e mitocrítico, a transposição do labirinto e o seu processo de individuação e, em sendo um processo de aprendizagem de alma, é uma contra-educação. Enquanto estória de vida é um relato mítico por meio do qual serão analisados os mitemas e o mito pessoal, como fatores fáticos desta aprendizagem pessoal. O mesmo processo de análise será empregado para o estudo do romance *O Retrato de Dorian Gray*. Mas, é preciso lembrar, juntamente com Jung (2001), que a estória de vida do indivíduo é tanto a realização de seu inconsciente, como o anseio de evolução sentido pela personalidade, num trajeto (espiralado, talvez?) que sai das condições inconscientes, dirigindo-se à totalidade. Este trajeto, isto é, o que se é interiormente e que se aparenta ser – *sub specie aeternitatis* –, só pode ser expresso através de um mito; por este motivo, pode-se dizer que

cada vida é um desencadeamento psíquico que não se pode dominar a não ser parcialmente. Por conseguinte, é muito difícil estabelecer um julgamento...”, porque “...nunca se sabe como as coisas acontecem. A história de uma vida começa num dado lugar, num ponto qualquer de que se guardou a lembrança e já, então, tudo era extremamente complicado. O que se tornará esta vida, ninguém sabe. Por isso a história é sem começo e o fim é apenas aproximadamente indicado (JUNG, 2001, p. 19).

No entanto, partindo da aparição “efêmera” da vida, de sua floração, será feita uma tentativa de se chegar ao “rizoma”, ao mito, à fonte da vida... de Oscar Wilde. Nesta tentativa, a autobiografia será pensada como um processo de iniciação que se funda no mito e o revela por meio da narrativa do autor, que tanto se distancia quanto se confunde com as personagens, desdobrando-se e

construindo sua estória de vida, por uma mediação simbólica, que é, também, processo de individuação. Num segundo momento, as imagens que aparecem de maneira obsessiva – mitemas – na narrativa do autor serão estudadas como representações dos traços míticos, que definem o mito pessoal como figura numinosa. A formação da sensibilidade na Decadência será a moldura cultural, que configurou Oscar Wilde e sua produção, e que deu a dimensão do homem e do herói lunar – que absorvido pelo Reino das Mães deveria morrer, para (re)nascido como apêndice materno. O tédio e o mal-do-século, que estruturam este período, são analisados como formadores da angústia da época, que permeava toda a busca de integração do homem com a natureza, desde os românticos. A solução encontrada foi uma extremada preocupação estética que dirigiu o gosto do homem decadente para o artificialismo e a aparência, transformando-o em dândi. Da formação da sensibilidade, serão retiradas as imagens repetitivas, que mostram que “tudo é decadência”, e que a decadência é sempre princípio e fim, num processo recursivo, que define os mitos, sempre dois, como explica Durand (1976, 1983, 1996) – um patente e outro latente –, cuja tensão cria os mitemas – arquétipos culturais “constelados”, ou complexos culturais (Jung). Na Bacia Semântica da Decadência, encontram-se os mitemas mais significativos do período, como subversão/inversão, a desclassificação ética ou o monstro delicado, o declínio, a *femme fatale*, a renúncia ao amor e a morte por decapitação, definidores de um mito trágico, que influenciará a vida de Oscar Wilde, fazendo dele o representante, por excelência, da época – o dândi, o *trickster*. Desta forma, analisa-se o esteticismo como uma das causas do surgimento do mito do Duplo na vida de Oscar Wilde, sob a forma de Hermes, que conduzirá o percurso iniciático do autor, tanto em *O Retrato de Dorian Gray*, como em *De Profundis*, que permite uma aproximação desses processos de iniciação e de individuação com a educação, levantando as noções de “Educação Fática” contidas nestas obras, como mediação simbólica das práticas *paragramáticas*, que por meio de uma poética da sugestão, procura, sempre, a sabedoria – HoKMaH – como uma contra-educação da alma.

2. Uma breve contextualização

Oscar Wilde escreve o romance *O Retrato de Dorian Gray* e o publica em 20 de junho de 1890. O livro narra a vida de um rapaz que faz um pacto para permanecer jovem para sempre; aparentemente, é o que acontece, porém, a pintura feita por Basil Hallward adquire todas as marcas de envelhecimento e do caráter do jovem Dorian Gray, o personagem principal. O retrato do jovem oculta a sua verdadeira e imperfeita alma. A beleza física é permanente; mas mudanças acontecem no retrato que é guardado dos olhares públicos, tão logo Dorian percebe suas alterações. Oscar Wilde faz uma crítica à superficialidade e à importância dada à aparência pela sociedade vitoriana, questionando a moral da época, as convenções sociais e os bons costumes, revelando certa mediocridade vigente, que dava forma ao comportamento dos indivíduos – certa teatralidade cotidiana.

O romance começa com a visita de Lorde Henry ao estúdio de Hallward, que pintava o retrato do jovem Dorian, onde discute sua visão de mundo louvando o hedonismo e o deleite do experimento dos sentidos como forma de vida, enquanto se regozijava com a beleza do jovem, na pintura. A conversa entre Lorde Henry e Basil é interrompida com a chegada de Dorian Gray, que logo se encanta com a filosofia de vida de Lorde Henry. Ao ouvir a conversa e perceber a efemeridade da vida e que tudo um dia se acaba, Dorian se dá conta que a sua beleza também se acabará e compreendendo o que dizia Lorde Henry de que a vida deveria ser aproveitada ao máximo entregando-se aos prazeres mais banais, à bebida e às aventuras, Dorian deseja profundamente ser jovem para sempre, como o seria seu retrato. Basil, diante de tal sentimento do jovem Dorian, tenta destruir o retrato, sendo impedido pelo rapaz, que disse gostar muito da obra; assim, Basil o

presenteia com o quadro. A vida desregrada de Dorian caminha, na sua permanência jovial, paralela à do quadro, cuja imagem se altera com o tempo e com as ações inescrupulosas do jovem, que – em uma crítica do autor, à sociedade da época – tinha nos padrões estéticos a base do seu comportamento, causando, por este motivo, a morte da única pessoa que teria amado, Sybil Vane, uma atriz que interpretava Shakespeare. Com o tempo, Dorian percebe a relação de seus atos com o seu retrato, e mesmo tentando uma remissão dos seus erros, o quadro não alterava sua aparência, ao contrário, expunha sua hipocrisia. A única solução percebida por Dorian seria destruir o quadro e, então, tenta destruí-lo com a mesma faca com que assassinara Basil Hallward. Neste momento, há uma troca de aparência entre o quadro e o próprio Dorian, que adquire a seu real aspecto e cujo corpo só é reconhecido pelos anéis que usava.

O romance de Oscar Wilde retrata, no seu enredo, a vida do próprio autor. É um livro ousado para a época, não só pela temática, mas porque desavia os costumes rígidos ao abordar questões homoafetivas, sendo que algumas passagens serviram como base da condenação de Oscar Wilde, no processo em que é condenado por indecência por se relacionar com uma pessoa do mesmo sexo, o jovem lorde Alfred Douglas, carinhosamente chamado de Bosie. O pai do rapaz processa Oscar Wilde, levando-o para a prisão, tendo que cumprir pena de dois anos. Este acontecimento acaba com a vida de Oscar Wilde, levando-o à falência e ao endividamento.

De Profundis é uma longa carta que O. Wilde escreve para Bosie, da prisão, na qual reconhece a sua estupidez por se deixar enredar em uma trama tão sórdida, como a desavença de Bosie e de seu pai. Nesta carta, Oscar Wilde expõe cruamente o mal que o amante lhe causou e que causou a si mesmo. Esta carta, além de ser dirigida a Lorde Alfred Douglas, é, também, uma fonte de reflexão deste período de reclusão sobre assuntos como a sociedade, a arte e suas questões estéticas, o sofrimento e a desilusão, o autoconhecimento e o reconhecimento de suas culpas, além de tomar vida de Cristo, como princípio de uma estética do sofrimento e da pobreza, procurando, com isto, um sentido para a sua vida. *De Profundis* mostra as oposições do comportamento de O. Wilde, tanto a sua lucidez, sua *persona*, na narrativa dos fatos, quanto a sua *sombra*, a sua insensatez em relação à Bosie. Bosie exigiu tudo o que pode de O. Wilde, arruinou-o, fez com que fosse para a prisão e o esqueceu. Não manteve o menor contato com ele, nem enquanto estava preso. Quando a pena terminou, Wilde, ainda assim, procura pelo jovem, que o tratou com desprezo, abandonando-o após acabar com seus últimos tostões. Os anos restantes de sua vida, O. Wilde passou-os em Paris, falecendo em 30 de novembro de 1900, no pequeno Hotel d'Alsace, na Rue des Beaux-Arts, após ter sido recebido pela Igreja Católica, em batismo.

Oscar Wilde, em *O Retrato de Dorian Gray* e *De Profundis*, escreve uma autobiografia do desassossego, pautada pelo excesso de esteticismo e da aparência de uma pessoa hedonista, que se vestia com as roupas da moda e frequentava os lugares mais importantes da época, mesmo criticando a sociedade vitoriana, num primeiro momento; e, em outro momento, descreve o amargor dessa vida tão efêmera e do reconhecimento dos erros e dos sofrimentos causados por tanta frivolidade, como se fosse um *mea máxima culpa*.

3. Para pensar a autobiografia como Educação fática

A autobiografia é um (auto)conhecimento continuado que integra a estória de vida do Ser, desvendando a alma e tornando-se uma educação, no sentido amplo do termo, permeada de símbolos; esta educação, como a autobiografia, é, também, um "objeto transicional" revelador dos aspectos latentes da (auto)narração que encontra no procedimento mito-poético uma das dimensões da Educação Fática – a dimensão estética. Enquanto mito-poética, a educação é um processo de elaboração tanto do indivíduo como de toda a humanidade que transcende evolutivamente a cultura do grupo quanto à do próprio indivíduo. A educação enquanto parte

ECO-REBEL

instituída da cultura, que reproduz as regras orientadoras e regentes de uma sociedade, privilegia, em seu nível patente, as normas pedagógicas que têm por finalidade formar e ensinar, considerando todas as variações e o emprego mais abrangente possível destes termos, como aspectos decorrentes das normas educativas pré-estabelecidas por um poder vigente. No fundo, estas normas não são mais do que configuradoras de uma educação cujo princípio e fim passam a ser a "doutrinação" e a "domesticação" do indivíduo, afastando-o e impossibilitando-lhe um processo de aprendizagem propiciado pela "transgressão", como demonstrou Carvalho (1982) em *Rumo a uma Antropologia da Educação*. A transgressão como parte excluída de um processo educacional servirá de base para a compreensão de uma contra-educação da alma, nos escritos de Oscar Wilde, por revelar o arquétipo do *trickster* e suas degradações como o *clown*, palhaços e bufões, que são uma das características do mitema da subversão/inversão, sem deixar de perpassar, no entanto, por todos os outros mitemas da época. Neste caso, o sentido de Paidéia junta-se ao sentido de educação na formação do homem decadente pela transgressão. Neste sentido, a cultura é também uma transgressão e, portanto, uma anticultura que não faz parte do núcleo instituído, mas é instituinte – é uma cultura latente que no século XIX tinha teor de negação dos sentidos da vida; ou negava o instituído, para que o instituinte emergisse por meio de um sentido e de um conteúdo hedonista. Consequentemente, esta cultura e seu processo transgressor de educação eram regidos por uma luz lunar, e buscavam, no obscuro da sociedade e do ser, a base simbólica sobre a qual se estruturava, ou o húmus fertilizador das ideias, dos pensamentos e das artes que representariam a Decadência. A transgressão, neste caso, é uma determinante estética do fator "fático" da educação.

O "fático", ao demonstrar a alteridade, liga o indivíduo ao Outro, que pode ser o próprio indivíduo num (re)conhecimento de si mesmo, por um processo transcendente ou por uma ampliação de visão de mundo que permite aos arquétipos aflorarem, mesmo como representação da violência, como em Lautréamont, ou como o cansaço da vida, como o tédio, sob o simbolismo dos felinos, o gato ou o tigre. Deste modo, a alma, que ocupa um lugar "intermediário", não estando totalmente no corpo e nem totalmente no mundo "inteligível", como diz Plotino (2000), volta-se contra a opinião da maioria, transgredindo o instituído por meio de um processo simbólico que se estabelece como educação "fática" ou contra-educação. Carvalho diz que "a educação, como 'fator fático', é uma prática basal de sutura das demais práticas simbólicas, de modo que a educação se 'dissemina' pelos grupos sociais" (1995, p. 12) através de várias dimensões do "fático", sendo que a dimensão que interessa para este momento é a dimensão estética ou a dimensão ritológica (CARVALHO, 1998), por agenciar os três conceitos fundamentais da experiência estética proposta por Jauss (1978) – *aisthesis*, *poiesis* e *catharsis* – "levando a questão de extrema importância sobre a primazia das práticas paragramáticas (ou artísticas) na formação do aparelho conceitual" (CARVALHO, 1998, p. 219). Esta primazia das "práticas paragramáticas" foi amplamente disseminada no século XIX dando à vida a dimensão teatral e ao comportamento do indivíduo a preocupação estética. Esta dimensão estética permitiu ao homem da Decadência constituir-se no seu individualismo; contrariamente, enquanto elemento transicional de uma prática "pervagante, disseminatória e basal de sutura" (CARVALHO, 1995, p. 13), possibilitou a emergência do sujeito coletivo, numa marginalização social, como ampliação de vivências ou como aprofundamento do Ser, consequência de uma descida ao submundo. Esta dimensão oculta da sociedade, na sua constituição, traz a dimensão oculta do indivíduo; ou melhor, da alma, e permitiu que Oscar Wilde, por meio das características do sórdido e da violência, numa experiência conjugada e comungada com Bosie e exaustivamente vivenciada e demonstrada por Dorian Gray, num processo de *catharsis*, encontrasse a sua própria alma. Oscar Wilde, em consequência de uma preocupação estética extrema, desceu ao mais profundo de si mesmo, transcendendo a própria ideia de beleza, para encontrar, no desprezo e na dor, a dimensão estética da vida, num verdadeiro sentido de

ECO-REBEL

aisthesis. Mas, não foi somente Oscar Wilde quem empreendeu esta viagem, talvez todos ou quase todos os artistas deste período, e também as almas mais sensíveis do mundo burguês, empreenderam esta mesma viagem. Todos desceram aos seus infernos e encontraram os seus demônios; e assim, todos os que transgrediram foram expulsos e mandados para o Limbo. Através de um sofrimento visceral e do tédio, o homem do século XIX olhou para dentro de si mesmo e enxergou mais além; olhou para dentro da racionalidade entediante de sua cultura e numa zona mais obscura encontrou o mito. O homem, com sua racionalidade, fez-se sua própria "caixa escura", revelando-se e enxergando-se para além de si mesmo; assim, "o 'fático' se envolve com uma 'poética da sugestão', sendo um fator de 'mediação infinita', sendo o próprio 'demônio da mediação'" (CARVALHO, 1995, p. 17).

Esta "poética da sugestão" é a manutenção do segredo numa sociedade que tinha na aparência um de seus pré-requisitos mais importante; deste modo, transformar o banal em segredo era um processo de aprendizagem da alma e uma transgressão ao comportamento instituído. Lorde Henry não entendia o esforço de Basílio ao tentar esconder-lhe o nome do jovem modelo, mas Basílio logo se justifica dizendo:

Oh! Não saberia explicar. Quando quero muito a alguém não digo nunca o seu nome a ninguém. Seria como renunciar a uma parte dele.
Aprendi a amar o segredo. Parece ser a única coisa que pode tornar-nos a vida moderna, misteriosa ou maravilhosa. A coisa mais vulgar nos parece deliciosa, se alguém no-la oculta (WILDE, 1995, p. 58).

Neste caso, a descoberta do mistério é a revelação ou a ocultação do extremamente visível, é, em suma, um aprendizado da profundidade do visível, é o reconhecimento do velado naquilo que é totalmente desvelado, ou ainda, é a dimensão de uma experiência pessoal vivenciada em uma experiência coletiva.

O real, neste caso, não é somente aquilo que é dado por normas, regras e costumes, mas aquilo que o sujeito tira dos padrões instituídos e transforma em uma realidade única e subjetiva, que em consequência de um fator "fático" – que é disseminatório – será transubjetiva – o real é também aquilo que pertence ao sujeito... e ao Outro; assim, Wilde diz haver uma terrível sedução na influência, pois,

projetar a própria alma numa forma grácil, deixá-la descansar por um instante e escutar a seguir as suas ideias repetidas pelo eco acrescida de toda a música da paixão e da juventude; transportar para o outro o seu temperamento como um fluido sutil ou um estranho perfume; isso era um verdadeiro gozo – talvez o mais satisfatório dos nossos gozos, numa época tão limitada e tão vulgar como a nossa, numa época grosseiramente carnal nos seus prazeres, e grosseiramente baixa nas suas aspirações... (WILDE, 1995, p. 82).

Ou ainda, quando em *De Profundis*, o próprio Oscar Wilde diz que "os erros funestos na vida nunca devem ser atribuídos a uma ausência de razão, pois um instante de irracionalidade pode ser algumas vezes nosso instante mais belo. Os erros humanos provêm da lógica pela qual regem os homens" (WILDE, 1995, p. 1368), ou ainda "...Tudo tem de brotar da gente, espontaneamente. E torna-se por completo inútil querer dizer a alguém uma coisa que nem sente, nem pode compreender" (WILDE, 1995, p. 1371). Nas falas de Oscar Wilde percebe-se que a alma, num processo de aprendizagem, migra ou transcende de um sujeito a outro para compreender aquilo que por uma experiência personalizada seria difícil de se compreender, senão impossível.

ECO-REBEL

Há, neste caso, uma "comunhão" possibilitada pelo fator "fático" que permite explorar os sentidos e o sentimento espontâneo como forma de educação da alma, ou "contra-educação". Neste encontro da alteridade e do reconhecimento do Outro, cujo propósito é a educação da alma, na transcendência do sujeito – que em último caso pode ser, também, imanência –, o ego se mostra como um:

Complexo indefinitudinalmente cercado pelo inesgotável consciente coletivo. Assim, o Outro e Outrem são postos, e põem, ao sujeito, numa relação de separação, disjunção e exterioridade radicais, contra toda a gliscromorfia que se esgueira sob a “participação mística” e a “socialidade”. Só nesta profundidade de abismos que se respondem o sujeito e Outrem pode haver diálogo (CARVALHO, 1995, p. 20).

Entre o ser e a alma, o "abismo" permite o diálogo numa constante aprendizagem que revela o Outrem como a dimensão do ser que se aproxima da alma do mundo e, assim, mesmo que o caminho deste Outro, para encontrar a *anima mundi* seja um percurso que leve para o lado obscuro do ser ou para o brilho e a luz artificial da aparência, o sentimento e a *aisthesis* serão presenças constantes. Até mesmo nos momentos de escárnio de Lorde Henry surgem observações que são notas agudas emitidas do fundo de uma alma que não se reconhece, mas que sabe da sua existência. Lorde Henry trata a infidelidade do amor como uma "confissão de fracassos" por achar nela "a paixão da propriedade. Há muitas coisas que abandonaríamos se não temêssemos que outros a apanhassem" (WILDE, 1995, p. 92); no entanto, durante todo o romance não foi explicitado este seu medo. O que Lorde Henry poderia perder? O afeto de um casamento superficial? Perda da sua aparência, por ter sido um marido abandonado, como acabou acontecendo? Ou Lorde Henry tinha medo de se perder, de perder sua superficialidade tão bem cuidada, ao descobrir a profundidade da aparência? Talvez, a superficialidade de Lorde Henry fosse proposital e servisse para que ele refletisse sobre a verdade de suas observações sarcásticas, permitindo aos seus interlocutores descobrirem que a aparência é mais profunda do que, meramente, se pensa. Certamente, Lorde Henry enxergava além das superfícies e tinha uma conduta moral delimitada por um comportamento estético, para além do cinismo; Dorian Gray, numa conversa com Lorde Henry, lembrou-o, uma de suas próprias fala na qual expunha uma preocupação com o encontro da alma, que não era dado, meramente, pelo sentimento, mas pela estética, podendo-se entender, então, este encontro, como Harmonia Divina – "Você me disse certa vez que o sentimento tornava-o impassível, mas que a beleza, a simples beleza, podia encher-lhe os olhos de lágrimas" (WILDE, 1995, p.93).

Não é o ser que chora, mas a alma, que ao enxergar além da beleza descobre o Demiurgo/Criador, o Poeta/Deus e se descobre nesta gênese, permitindo-se ser destruída ou absorvida pela obra, que é *poiesis*, e, encontrando nesta destruição a distinção, que, novamente, não será do ser, mas da alma. Diante de um comentário superficial de Dorian que lhe narra a história do proprietário do teatro onde trabalhava Sibyl Vane e das cinco falências que o pobre homem sofrera devido a seu interesse artístico, e, ainda assim, considerando estas falências como uma distinção em sua vida, diante da incompreensão do jovem, ante esta aceitação passiva de tanta "desgraça", Lorde Henry disse que "era uma distinção, meu caro Dorian, uma grande distinção. Muita gente vai à falência por haver investido demais na prosa da vida. Arruinar-se pela poesia, é uma honra" (WILDE, 1995, p. 95). Numa antecipação do destino, Wilde educava o próprio espírito, ou seu espírito o educava, ensinando-o a efemeridade da arte e sua força restauradora e, ao mesmo tempo, mostrava a fragilidade das coisas concretas. Novamente, é possível citar uma fala de Lorde Henry que tem um teor premonitório por encerrar uma verdade absoluta sobre a criação, e que permite dizer que o

ECO-REBEL

Criador não vive por si mesmo, senão em sua obra; ou, de um modo mais drástico, é possível dizer que não interessa o Criador, o que interessa é a presença de sua alma naquilo que cria.

O que interessa, então, é o abismo existente entre presença e essência, por isso "os bons artistas existem simplesmente naquilo que fazem, tornando-se conseqüentemente desprovidos de interesse em si mesmos. Um grande poeta, um verdadeiro grande poeta, é a menos poética das criaturas" (WILDE, 1995, p. 98). É possível dizer que um grande artista é um homem solto sobre o abismo, tendo, simultaneamente, a sensação da queda do corpo material e a percepção da ascensão da alma. Desta tensão o que permanece como ponto de ruptura é a essência que é, simultaneamente, a resistência dos contrários. Talvez fosse permitido pensar-se neste ponto de ruptura e de resistência – que é a essência do ser criador –, como um ponto de sabedoria e de revelação cuja diferença – se é que há! – depende da direção do movimento; assim, esta essência que é também sabedoria bíblica – HoKMaH – "a princípio indicou um saber teórico ou prático, propriamente humano, não reservado particularmente ao homem judeu ou religioso, mas universal e sem conotação moral, necessariamente. Já, nas suas significações imediatas, podemos constatar uma primeira diferença irreduzível entre a sabedoria e a revelação; ela se constitui por seu ponto de partida e pela direção de seu movimento. "A primeira vai da terra ao céu, do singular ao universal; a Segunda desce do céu sobre a terra e do universal ao singular" (ABÉCASSIS, 1983, p. 18). Neste sentido, o esquecimento de si mesmo, que ocorre no poeta, é o esquecimento que a criatura tem do olhar perpétuo que Deus lança sobre ela, mas é também o olhar com o qual a criatura busca o seu Criador; é o olhar que percorre o mundo ao redor e que olha para os outros homens, e que busca, numa elevação, "as verdades gerais, a coerência das condutas humanas e os ritmos da terra e do cosmos" (ABÉCASSIS, 1983, p. 19). A sabedoria é a revelação divina da Torah; é a palavra viva de Deus, através da qual as coisas se formaram. Esta palavra foi dada por Deus ao NaBi' – ao profeta – cuja função era ver e falar para a multidão. O NaBi' via com a visão do divino e falava com as palavras sagradas, mostrando, ao mesmo tempo em que escondia, a sabedoria, através de parábolas. Partindo deste princípio de ocultação e desvelamento, como uma junção paradoxal de opostos para a revelação da sabedoria, facilmente, nota-se uma função "fática" veiculando um oximoro, que tem como prática simbólica o reencantamento do mundo, como diz Badia e Carvalho (1998). Tem-se, então, uma "formação da sensibilidade" como dimensão ou base para uma "Educação Fática", que encontra nas práticas paragramáticas (nas artes, e aqui também, nas parábolas) um "fator mitopoiético" que une prática e reflexão (Paula Carvalho). Através do simbolismo, da dimensão estética da "Educação Fática" e do contato do sujeito com o Outrem – que é o Numinoso, a Deidade, o Inconsciente –, insere-se a ética como uma axiologia que permite escapar-se de um "furor pedagógico" (Jung), através da aprendizagem do ver, do ouvir e do olhar o Outro, na plenitude das alteridades, mas, como diz Carvalho:

Só consegue assim agir com os outros aquele que consigo assim age e só age assim consigo aquele que nele descobriu a alteridade e que a reunificou, a re-ligou, relendo-se destarte de outro modo porque é o modo "modus" – do Outrem, do Outro, que em Si Se reconhecem o Si-mesmo, o "Selbst" e a pouca do eu, conquanto necessário viático (CARVALHO, 1995, p. 22).

A Educação Fática é, também, processo de individuação e o olhar para o "Outro que em Si Se reconhece" é um olhar oximorônico do sujeito sobre o Si-mesmo. É um olhar de descoberta e de desvelamento do duplo, segundo Paula Carvalho, e não da "duplicidade", ou é o:

Aparecimento de uma dupla visão, de um modo duplo (mas não "dúplice") de ver e de se pôr em relação ao mundo, envolvendo, também, nesse modo de relacionar-se, uma

ECO-REBEL

concepção ontológica de uma realidade contraditorial ou polar na existência, portanto no ser do homem e no ser do mundo (CARVALHO, 1998, p. 349).

Foi com este olhar que Oscar Wilde refletiu sobre sua singularidade, contida no romance *O Retrato de Dorian Gray*, buscando o universal através de um pensamento estético; mas foi, também, a partir deste olhar que, na prisão, partiu da verdade universal do sofrimento e da dor, e de uma abnegação "cristã" para encontrar o homem Oscar Wilde e sua alma, numa contra-educação, cujo fator "fático" – a estética da "redenção" – encaminhou o seu processo de iniciação e o seu processo de individuação. Na prisão, a sabedoria – HoKMaH – revelou-se em sua intensidade sagrada.

4. Como uma reflexão final

Todo o processo esteve permeado de um olhar oximorônico que permitiu a Oscar Wilde, mesmo através do sofrimento, da dor, e da amargura, aceitar o cotidiano da prisão e dar-lhe uma dimensão compreensível somente pela alma – e neste sentido, a aceitação já é um re-encantamento de mundo. Para Carvalho, o mergulho em si mesmo traz a resposta e a vocação. Oscar Wilde encontrou a resposta ao compreender, mesmo inconscientemente, que a estória de sua vida cruzava-se com seu romance, e sua vocação revelou-se pela vontade e necessidade de uma conversão ao catolicismo que era a descoberta do religioso, que era um re-ligare pelo batismo, mas que seria, também, uma religião da *anima* perdida na sua adolescência e que ao não se realizar trouxe características perversas para a sua vida, através dos fatos desastrosos, e para a sua obra, através dos personagens. A isto equivale dizer, que uma *anima* não realizada polarizou seu poder destruidor, apresentando-se nas obras de Oscar Wilde sob as formas de Salomé, que expunha o desejo do sagrado e sua profanação, e das mulheres – pertencentes à burguesia ou ao *bas-fond* –, cujo envolvimento, na trama do romance e na sua própria vida, era a complementação de um *status* social ou ainda, a representação de uma força criadora imanente.

A complementaridade para ele não existiria e, em sua vida, a dualidade seria feita através da presença de Bosie – que era a representação de uma *anima* não reconhecida. A necessidade em Wilde de um re-ligare concretizou-se na sua opção pelo catolicismo, através do qual encontraria a *anima mundi*, e revelou-se por meio de uma longa carta que escreveu para Bosie; porém, endereçada a si mesmo, para o mais profundo de si mesmo, engendrando, no "destino mitopoiético", o "oximorônico dos 'Vexierbilder'", que torna o indivíduo apto para ver "em profundidade" (CARVALHO, 1998), possibilitando tanto a revelação como a descoberta do numinoso. É possível, também, dizer que, em Oscar Wilde, a presença do Duplo ampliou sua experiência de vida e resolveu-se na "polimorfia, onde a angústia do 'homo duplex' faz justaporem-se modos de visão, que então caracterizam respectivamente o cotidiano embaçado e o feérico-maravilhoso como situações existenciais e regiões ônticas, como componentes do ser do homem" (CARVALHO, 1998, p. 344). O reconhecimento desta profundidade e de situações existenciais escondidas sob a aparência do ser, fez com que Oscar Wilde cumprisse o seu destino e procurasse Lorde Alfred Douglas, ao sair da prisão. Com isto, ele finalizava sua própria estória de vida e permitia o pleno desenvolvimento de seu Daimon, pois Bosie já não carregava consigo nenhum tipo de culpa, era apenas um agente que ajudava Oscar a concretizar o seu destino. A sua alma precisava ainda um pouco mais de sofrimento e humilhação para poder se desenvolver. Já não havia mais glamour, apenas esquecimento. A sua alma precisava da solidão que ele, enquanto artista, sempre precisou para poder escrever, e que nunca teve por causa da presença e do temperamento de Lorde Alfred. Oscar Wilde escreveu sob tensão e em meio aos escândalos provocados por Bosie. O artista viveu na turbulência, mas sua alma se desenvolveu no esquecimento – primeiro no esquecimento do próprio artista; depois em comunhão com o artista

ECO-REBEL

que fora esquecido pelo mundo. Oscar compreendeu que ao ter esquecido sua alma, vivenciou a morte ainda em vida, sem, no entanto, se dar conta da profundidade da experiência. A sua solidão, ou a necessidade da solidão que sentia no âmago de seu ser era fundamental para o seu processo de individuação e para a educação da sua alma, porque a sabedoria adquirida deve ser utilizada, compartilhada e não servir como instrumento de proibição; por isso, disse, após a sua comunhão com Cristo, que:

Como todos os temperamentos poéticos, amava Ele os ignorantes. Sabia que na alma do que é ignorante há sempre lugar para uma grande ideia. Mas não podia suportar os tolos, especialmente aqueles cuja tolice é produto da educação: pessoas que estão repletas de opiniões e não compreendem uma sequer; tipo genuinamente moderno, definido já por Cristo, quando o descreve como o tipo que possui a chave da sabedoria e, não podendo utilizá-la, proíbe aos demais que se sirvam dela, embora possa abrir a porta do Reino de Deus (WILDE, 1995, p. 1408).

Acreditando que Lorde Alfred tivesse esta chave foi que Oscar tentou uma vez mais ajudá-lo, porém esqueceu-se que Bosie carregava consigo uma tolice, que era produto de sua educação, e que cegava não somente a ele, mas à sua alma. Bosie não poderia ter esta chave; ele era apenas a representação de uma alma sublimada, em suma ele era, meramente, uma sombra.

Finalizando estes apontamentos, sem, no entanto, querer concluí-los, mas ressaltando a importância de suas colocações para a complementação de uma proposta, mesmo que tenha sido ao modelo de um andamento *prestissimo*, cabe a este último movimento o acorde que o encerra; isto quer dizer que a "Educação Fática" como uma contra-educação da alma, é um processo de individuação e, tanto quanto a autobiografia e o romance, todos são processos iniciáticos porque

em profundidade, e em intencionalidade, homologaríamos processo de individuação, rito de iniciação e educação fática, pois no processo de individuação assistimos a um rito de iniciação labiríntico – como ventre da Grande Mãe, mas também como trajeto da Kundalini, como Jung evidencia nos 'Seminários sobre as visões', trajeto que vai do místico gliscromorfo da 'unidade dual' à gnose, da catábese a anábase, do 'catafórico ao metafórico' ou do 'catatônico regressus ad uterum' ao 'metatônico ascensus ad lucem', como prefere Ortiz-Osés. O processo de individuação é imantação e retorno do 'homo religiosus' (Durand), é 'religação', é 'coagulação', é processo de simbolização, é fático como cinegética energia matricial da 'palio-psyche', mas é fático como 'intencionalidade dramática' de teor hermesiano centrando-se numa hermenêutica trazida por Hermes-Zaratustra - onde o teor da 'neotenia negentrópica' dirá do polimorfo inacabamento originário e do polimorfo resultado sempre a re-fazer, sempre a re-unir, a re-ligar, em torno de um Centro – 'Selbst' assintótico, que veicula a educação fática (CARVALHO, 1995, p. 22).

Referências:

- ABÉCASSIS, A. *Sagesse et Revelation*. In: Sophia et l'Âme du Monde. Cahier de l'Hermetisme. Paris: Albin Michel, 1983.
- BADIA, D. D.; CARVALHO, J. C. de P. *O olhar oximorônico: paradigma do imaginário e pedagogia do reencantamento do mundo*. In: José Carlos de Paula Carvalho. (Org.). *Imaginário e mitodologia: hermenêutica dos símbolos e histórias de vida*. 1ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina - UEL, v. 1, p. 329-370, 1998.
- CARVALHO, J. C. de P. *A Educação fática: construção, vieses e projetividade*. *De Educação Pública*, Cuiabá, v. 4, n. 6, jun./dez. 1995.

ECO-REBEL

- _____. *Aporia e Gnosis: a hermenêutica do símbolo do labirinto*. Dissertação de Mestrado (filosofia), SP, FFLCHUSP, 1976.
- _____. Rumo a uma antropologia da educação. *Revista da Faculdade de Educação (USP)*, v. 8, n. 2, 1982.
- _____. *Imaginário e Mitodologia: hermenêutica dos símbolos e estórias de vida*. Londrina: Ed. UEL, 1998.
- DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Tradução: Hélder Godinho. Lisboa: editorial Presença, 1989.
- _____. *Les Mythes et Symboles de l'Intimité et le siècle XIX – contribution a la mythocritique*. In: *Intime, Intimité, Intimisme*. Lille: P.U.L., 1976.
- _____. *Introduction à la mythodologie – mythes et sociétés*. Paris: Albin Michel, 1996.
- _____. *Mito e Sociedade: a mitanálise e a sociologia das profundezas*. Tradução: Nuno Júdice. Lisboa: A Regra do Jogo, 1983.
- JAUSS, H. R. *Pour une Esthétique de la Réception*. Traduction: Claude Maillard. Paris: Gallimard, 1978.
- JUNG, C. G. *Memória, Sonhos, Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Tradução: Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- PLOTINO. *Tratado das Enéadas*. Tradução: Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editorial, 2000.
- WILDE, Oscar. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1995.

Aceito em 19 de julho de 2024.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 3, 2024.